







COMPANHIA DAS LETRAS

O paraíso segundo Lars D.
JOÃO TORDO





No fundo, é só um truque. Sim. É só um truque.

JEP GAMBARDELLA

Na época em que nos casámos, nos anos setenta do século vinte, o meu marido era tão cheio de vigor que, por vezes, à noite, deitados na cama, eu sentia-lhe o sexo duro, mesmo quando ele já dormia. Ressonava e o pénis erecto lambia-me as pernas, um tanto húmido, se lhe dava para isso. A sensação não era desagradável, assemelhava-se a um gato de língua ávida debaixo dos cobertores. Um dia, isso deixou de acontecer. Em que momento, não sei: as coisas deixam de acontecer e, quando damos por isso, já não acontecem.

O meu marido escrevia de pé, encostado à parede, junto ao parapeito interior de uma janela. Não era um parapeito estreito como habitualmente, mas um parapeito largo; a janela dava para uma espécie de saguão descoberto onde se escutavam os sons do prédio, que pareciam escorrer pelas escadas de incêndio abaixo. Passos, vozes, o assobiar do homem que viveu no último andar – um fulano escor-reito que se mostrava sempre contente mas que, no fundo, era muito triste, ou não se tivesse matado na véspera de

Ano Novo de 1998 –, a cantilena desafinada da senhora que lavava a escada. Por vezes, o carteiro. Nos primeiros anos, o carteiro enfurecia o meu marido, que saía do escritório e dizia: *Raios partam este filho da mãe*. Ou então não dizia nada. Ia à cozinha aquecer mais água para o chá e batia com a louça na bancada; mexia o chá com demasiada força; depois atirava a colher para a pia com estrondo. Eu ouvia-lhe os passos zangados atravessando o corredor: era aquele o homem com quem eu me casara, alguém que disputava ferozmente contra qualquer um para preservar o seu silêncio.

E, no silêncio, o que acontece? Quando domamos a raiva por causa do carteiro barulhento ou, encontrando uma alternativa, fechamos a janela e de súbito nada existe além dos raios de sol que atravessam a clarabóia e iluminam o pó que nos envolve a todos os momentos? Ultimamente, tenho reparado nisto. Que somos abraçados pelo pó; que entre o nosso corpo e as restantes coisas existe um espaço que julgamos vazio, mas que está cheio de uma matéria qualquer que é pó e mais do que pó, que é sombra e mais do que sombra.

Nos anos setenta, e até durante os anos oitenta, eu e o meu marido fazíamos amor com uma regularidade invejável (digo *invejável* porque conheço a realidade matrimonial de outras mulheres). Ele era um tipo desajeitado, alto e com pouca força física, por isso gostava que eu me

debruçasse sobre ele e lhe agradasse, e depois gostava que eu me pusesse de quatro. Por vezes, quando acabava, ficava muito irritado, sem explicação aparente. Outras vezes ficava profundamente triste. Eu observava-o e percebia que ele ansiava por estar sozinho, enrolar-se nos cobertores e esquecer aquele desconforto, uma dor tão antiga que o túnel mais fundo não permitiria vislumbrá-la. Era a dor da infância, sabia eu. Como sempre sucede com as dores antigas, revivemo-las uma e outra vez, temendo que voltem a ser como foram então, dilacerantes e selvagens. Se ele tivesse falado do assunto, eu ter-lhe-ia dito: agora já és um homem, sabes tomar conta de ti, não te escondas debaixo dos cobertores. Conta-me o que sentes ao ouvido ou, então, não me contes nada, mas deixa-te abraçar e sente a proximidade do meu corpo sem te retraíres. Não sou nenhuma das mulheres da tua infância que te meteram tanto medo.

Nunca tivemos filhos. Ninguém decidiu nada; eu nunca fiquei grávida e ele nunca foi ao médico apurar responsabilidades. Se acaso eu abordava o assunto, via os olhos dele ausentarem-se, como se a consciência que os atravessava fosse enegrecida por um derrame de petróleo. Há certas pessoas que, ao acharem-se indefesas, recusam ajuda e escondem-se, procurando a gruta mais recôndita.

O meu marido escreveu muitos livros. Dos trinta e três aos quarenta e oito anos escreveu dezoito romances.

Não os li todos. Li os três primeiros e, a partir daí, fui alternando os anos em que lia com os anos em que não lia. Alguns, menos interessantes, li na diagonal, ou de fio a pavio, mas sem deles guardar qualquer registo mental. Mais do que uma vez encontrei, em livros diferentes, situações semelhantes, as mesmas frases (com uma ou outra variação na sintaxe), personagens que já conhecia de outras obras, repetições algo cansativas e desenlaces previsíveis. Porém, a sua voz narrativa era poderosa, e eu escutava-a dentro da cabeça do meu marido quando, à noite, me aproximava dele e lhe tentava ouvir os sonhos. Lá estava ela ditando-lhe a vida, complicando-lhe a existência. Ler aquela voz era viver a minha vida em duplicado; era ver o jogo de futebol no campo com o relato da rádio nos ouvidos.

Antes de desaparecer, Lars terminara de escrever um livro chamado *O Luto de Elias Gro*. Pela primeira vez em muitos anos, pediu-me que lesse algumas páginas, o que fiz. Sentei-me no velho sofá de estofó verde e, quando ele já dormia, em vez de ler algumas páginas li o livro inteiro. No final, chorei copiosamente. Fui abrir a janela junto do parapeito onde ele escrevia, e chorei. Àquela hora todos dormiam, o prédio estava mergulhado em silêncio, do saguão chegavam-me apenas o cheiro da noite e o brilho das estrelas. Chorei porque desconhecia que o meu marido pudesse ser capaz daquele tipo de sentimentos; porque, mesmo

admitindo que ele pudesse sentir-se assim, eu não via um fim para o seu sofrimento (que também era o nosso) e, portanto, todos os livros eram inúteis. É possível que todos os livros sejam inúteis, se lemos para nos esquecermos de nós, para debelarmos a ferida de existir. Se formos previdentes, os livros também nunca nos magoam. Salvem-se de ler Kafka de madrugada, ou Virginia Woolf se estiverem internados com uma pancreatite. As pessoas, sim, essas magoam-nos: são uma dádiva mas também agravam a nossa ferida, escarafuncham nela e fazem-na sangrar.

Escreveu este livro depois de muitos anos sem escrever. Ainda não tive coragem de lhe pegar novamente nem sequer de tocar nas páginas que permanecem pousadas no braço do sofá, por detrás do qual, em cima de uma estante, ao lado de uma velha grafonola que o meu marido comprou numa feira de rua, repousa a fotografia de um farol. Não foi ele que a tirou. Foi o marido da irmã, que fotografa tudo e mais alguma coisa, que viaja muito e vai capturando as coisas curiosas do mundo. Há dez anos ofereceu-nos uma fotografia emoldurada que permanece pendurada na parede da sala. Tirou-a na África do Sul depois de vários dias de viagem, é a imagem de uma casa destruída e engolida pela areia. Ofereceu-a a Lars, mas ele pareceu não lhe dar importância; fez aquele sorriso tímido e complacente quando recebeu o presente e, depois, fechou-se em copas, agradecendo a prenda com um abraço desajeitado.

(Encontrei-a, meses depois, num caixote onde ele costumava guardar os manuscritos inacabados. Limpei-lhe o pó e, durante algum tempo, antes de a pendurar na parede, deixei-a pousada em cima de uma mesinha branca que tenho no meu escritório – na verdade, é apenas uma salinha exígua onde me sento a ler, abraçada por três estantes de livros; em tempos foi a despensa onde a empregada, quando a tínhamos, guardava o material de limpeza.)

A relação do meu marido com o seu corpo foi sempre de uma enorme estranheza. Pergunto-me: quem é este ser em nós que se envergonha de si mesmo? Ou que rejeita as formas que o corpo assume? Ele parecia ter vergonha da alegria, como se mostrar um sorriso ou abertamente abraçar alguém fosse um sinal de desfaçatez, como se a única emoção permitida fosse testemunhar a emoção, um Buda de trazer por casa, limitando-se a pedir à Mãe Terra para comprovar o seu despertar. E Lars não era budista nem nada que se parecesse: o corpo era, para ele, um peso, um fardo de muitos séculos, e nele ia negando tudo, até a tristeza, e pobre do homem que rejeita a tristeza. Eu ouvia-o grunhir e maldizer e predispor a mobília, o tempo e os condutores contra si. Se ia comprar o jornal e regressava de gabardine molhada, pese embora o silêncio, a vibração do seu descontentamento ecoava pela casa como o latido de um cão já morto, o ganir que ainda ouvimos no estreito canal auditivo. Eram maneiras de abafar a melancolia, suplantando-a com o desconforto do quotidiano.

Por vezes, ouvia-o falar sozinho no corredor que vai da cozinha à sala ou nas escadas que conduzem da sala ao segundo andar, onde fica o quarto de dormir. Se lhe perguntava: *que tens?*, respondia-me: *nada*. E depois hesitava um momento, a mesma hesitação que eu lhe via ao beijar a irmã ou os sobrinhos, como se esse gesto fosse desapropriado ao seu corpo e ele tencionasse guardar esses momentos para uma outra vida, em que abrir os braços e receber alguém fosse um gesto tão simples como abrir a torneira da água quente quando, numa manhã de Inverno, nos preparamos para as abluções.

Mas eu também sabia quanto o mundo lhe doía. Sempre que ele via uma pessoa muito velha, por exemplo. Havia um homem de rosto tisonado que frequentava o parque e todos os dias se sentava no mesmo banco, procurando acender um cigarro que, de tão carcomido, se julgaria imaginário. O mesmo cigarro de há anos. Tossia muito, uma rouquidão das cavernas; adivinhava-se no velho uma doença vagarosa. O rosto era um tronco de uma árvore muito nodosa, e os olhos duas grutas pequenas e redondas, fundíssimas. Tremia-lhe o braço sempre que tentava levar o cigarro aos lábios, tremia ainda mais quando o indicador e o dedo médio se aproximavam por fim daqueles lábios de caruncho. Com esforço, num gesto brusco, lá encaixava o papel amarelado entre as comisuras. Difícil era levar a chama dos fósforos à ponta do

cigarro. Cada gesto tinha o peso de uma maré no Inverno. A chama bruxuleava, hesitante, tremendo cada vez mais conforme a mão do homem se agitava num desvario sem causa, o lume nunca chegava a tocar a ponta do cigarro e, depois, esmorecia e apagava-se perante a perplexidade do velho, uma perplexidade de criança, de lágrimas à tona, o peito encovado debaixo da camisa de manga curta, de botões sumidos, afundando-se mais a cada tentativa. Por vezes, ao passar pelo jardim, eu encontrava o meu marido sentado num banco defronte do homem, observando-o como quem observa a Lua a desaparecer no dia claro ou uma flor perdida num terreno baldio.

No nosso apartamento, como em todos os apartamentos do mundo, existem espaços de sombra e espaços de luz. O espaço onde o meu marido trabalhava, o pequeno escritório com janela para o saguão, é um espaço de sombra. As paredes são altas e a claridade chega em ricochetes, e apenas até à uma da tarde, porque o prédio está voltado a sul; durante o que resta do dia o escritório fica mergulhado naquela penumbra desolada que tantas vezes encontramos na juventude, de olhos quase fechados no sono ou de cabeça aninhada no colo do nosso pai. Os espaços de luz são a cozinha e a pequena varanda que dá para a avenida principal, onde, nos meses mais amenos, planto tomilho-limão e coentros, que uso para preparar as refeições.

O meu marido costumava dizer que toda a minha comida sabia a coentros. Como ele gostava de coentros, pouco lhe importava. Uma vez disse-me que, de tanto eu os usar, o sabor ficara-lhe para sempre na boca e tudo lhe sabia a coentros, até o café que ele bebia no *Almanak*, a cafetaria a poucos quarteirões do nosso apartamento, onde os universitários passavam os Invernos debruçados sobre livros e computadores. Os gorros grossíssimos enfiados nas cabeças, as luvas gentilmente pousadas na mesa, uma sobre a outra, quem sabe ligeiramente mornas do aquecimento ou expostas como uma obra de arte num museu de gente distraída.

Às vezes, eu dizia-lhe: olha que é cebolinho. Ou salsa ou beldroegas. Ele torcia o nariz, exibindo um sorriso desconfiado por detrás da barba grisalha (nos últimos anos raramente a desbastava, e a barba crescia, irregular, formando uma pêra que sobressaía; o bigode, por vezes, avançava por cima do lábio superior e ficava ensopado quando comíamos um dos meus caldos de galinha). Lars acreditava pouco nas coisas que eu lhe dizia, isto é, carecia de confirmação. Eu dizia: é sábado. Ele assentia e consultava o calendário. Eu dizia: está a chover. E ele levantava-se da cama e, no seu vagar, dando toquezinhos na parede com os nós dos dedos, a música da sua passada preenchendo a hora silenciosa da manhã em que acordávamos, ia até à sala e ficava a olhar para a chuva lá fora, as gotas escorrendo

pelos vidros. Nessas alturas eu levantava-me também e, de roupão vestido, atravessava o corredor na direcção da cozinha, detendo-me a observar aquela figura esquelética, de ombros vencidos, com a estranha forma de cabeça que alguns homens adquirem quando envelhecem, parecida com uma bolota: o cabelo desaparece do topo da cabeça e começa a crescer numa espiral desregrada em torno desse centro, o que dá à pessoa um aspecto desmazelado. No caso do meu marido, o que fazer com o cabelo era uma escolha difícil. Deixá-lo crescer ou rapar a cabeça, nenhuma destas opções jogava com a barba espessa que ele se recusava a cortar. Careca, com barba, ficava igual ao drogado que, há muitos anos, passara uma temporada a dormir à porta do nosso prédio, tapado por um sobretudo e pedaços de caixotes. O cabelo mais comprido, por outro lado, dava-lhe a aparência de um cientista louco ou de um pederasta.

Assim, cortava o cabelo com alguma frequência, mas era difícil convencê-lo a desbastar a barba. Quando o fazia, enchia a bacia de mármore de pêlos pretos e brancos que depois eu limpava, algo contrariada, embora me fosse agradável estar na casa de banho do nosso apartamento. As paredes eram de azulejo azul-escuro, da mesma cor do azulejo que revestia a banheira e as bacias (tínhamos duas bacias, uma para cada um, e eu limpava e mantinha a dele arrumada), da mesma cor do chão; estar naquela casa de banho tinha uma qualidade de aquário, e eu sentia-me um peixinho dourado. Era outro dos lugares de sombra

do nosso apartamento. Mas esta era uma sombra benfazeja, uma obscuridade tranquila. Além disso, nas casas de banho de azulejo goteja sempre. Descubro, com a idade, que onde goteja há sempre tranquilidade. Gotejar é uma maneira de Deus nos dizer que está presente. Se estamos deitados na cama e ouvimos gotejar à distância, sabemos que a vida não é nossa, nunca foi nossa, jamais se encontrou nas mãos deste tirano que, dentro de nós, quer o mundo para si, exige ser dono de tudo, governar sobre todas as coisas. A água faz o seu percurso sem os homens, nunca precisou de gente. Se quer gotejar, goteja; abençoados somos porque ali está o divino. Só existe gotejar no silêncio. E o silêncio é o divino.

Tornou-se um hábito do meu marido, com o passar dos anos, ficar junto da janela, de cortinas entreabertas, observando o tempo lá fora. Por vezes, nos poucos dias em que nevava, os pombos desciam aos parapeitos das janelas e pousavam inquietos sobre a neve, arrulhando e fechando-se em bandos. Lars observava-os com atenção quando apareciam na varanda. Por vezes, ia para o escritório e dava côdeas de pão molhado e bagos de milho a um pássaro negro que por ali passava, não sei se era sempre o mesmo ou se o primeiro dera aos companheiros a notícia de que, naquele parapeito, havia um homem um tanto perdido mas generoso.